

8945

Fatos & Fotos

BRASILIA, 29 DE JULHO DE 1967 — ANO VII — NÚMERO 339 — NCR\$ 0,90

ESPECIAL/COBERTURA COMPLETA

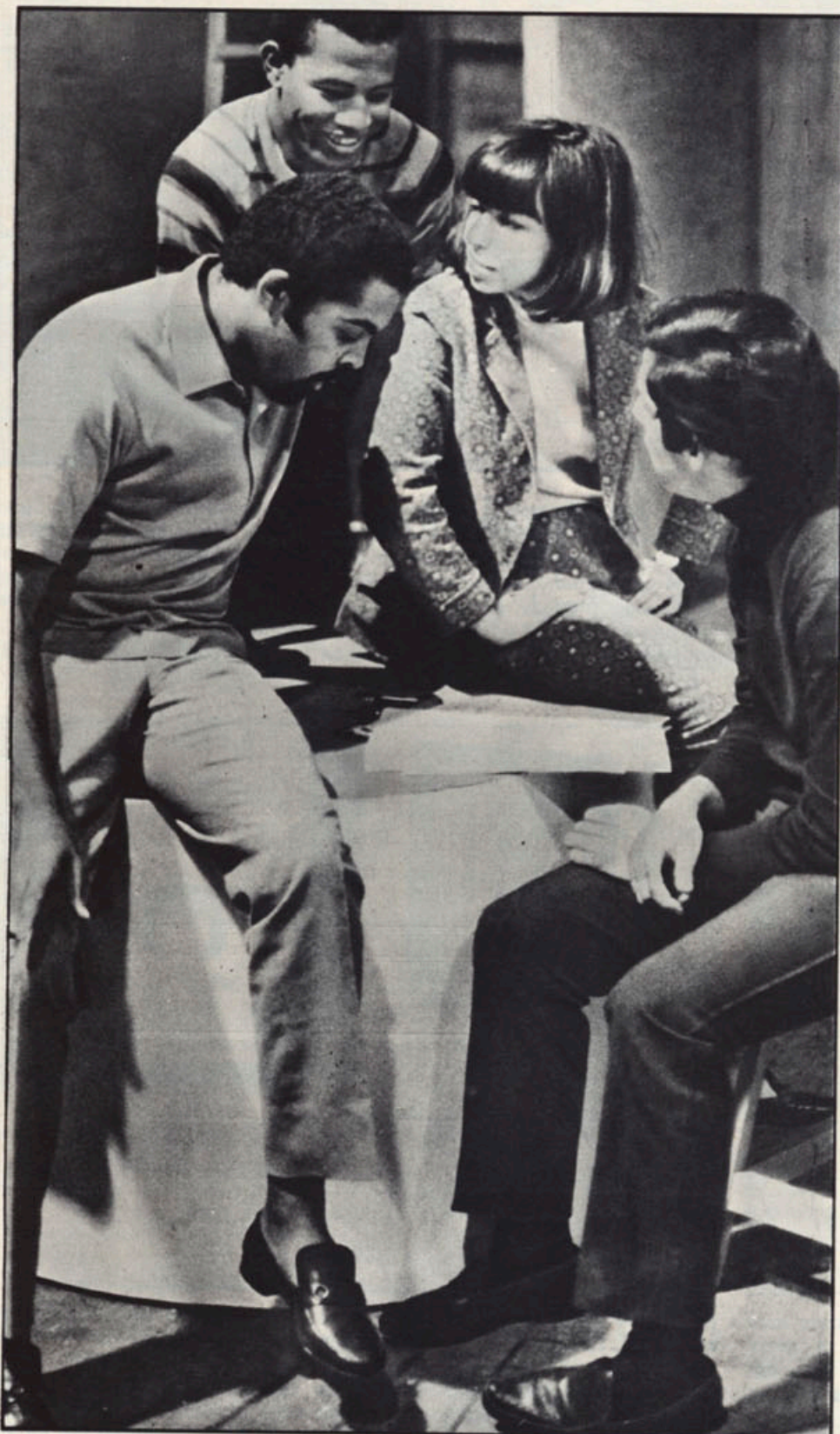
O ADEUS A CASTELO



A beira do túmulo, a comovente despedida de sua filha, Dona Antonieta Castelo Branco Diniz, e do Presidente Costa e Silva.

Cantores e compositores que viviam brigando pelo sucesso fazem as pazes e iniciam uma revolução em frente ampla

A FRENTE ÚNICA DA JOVEM GUARDA



A frente do movimento estão Gilberto Gil, Jair Rodrigues, Nara e Roberto Carlos.



Elis Regina vacilou, mas acabou aderindo, "pela boa música".

Texto de CARLOS ACUIO
Fotos de MITUO SHIGUIHARA e
SERGIO JORGE

"Vamos partir para a união. Nosso lema revolucionário será a comunicação com o público jovem." "A nossa música caminha para um grande esquema." Roberto Carlos e Chico Buarque de Holanda, pela primeira vez, parecem estar juntos, no mesmo time. O iê-iê e o samba tradicional concluíram que era gastar energia inútil manter a velha rivalidade e fizeram as pazes. Melhor ainda: organizaram um movimento de frente única, que vai unir o folclore de Geraldo Vandré, o samba de breque de Wilson Simonal, o samba de morro de Zé Kéti, as bossas de Elis Regina e Jair Rodrigues, o romantismo de Dóris Monteiro, a ternura de Vanderléia e os protestos de Gilberto Gil.

• segue



"Pouco importa se a a mú



sica é brasileira ou iê-iê, e sim o que o povo gosta", diz Roberto Carlos, enquanto Chico Buarque prepara novo sucesso para o próximo festival.

Em São Paulo, um programa da TV Record apresentará, em côro, toda essa turma. No Rio, Vinícius de Moraes combinou para o carnaval de 68 um programa de gravações de classe, para acabar com o seu mau-gosto. Gilberto Gil, no palco do Teatro Paramount, vai ler manifesto, anunciando a nova disparada da música jovem, acompanhado por Maria Betânia, que pretende cantar *Querem Acabar Comigo*, de Roberto Carlos. Caetano Veloso garante que "o iê-iê e a bossa-nova já terminaram: agora, começa a existir apenas a música popular brasileira."

Segundo Tom Jobim, não foi o iê-iê que trouxe a discórdia à música jovem brasileira. "Antes de 1964, o samba já vivia em conflito. O pessoal da música politizada chamava a turma bossa nova de alienada, e outros defendiam o samba do morro. Nessa guerra, aproveitando a brecha, o iê-iê foi entrando." Erasmo Carlos diz que, naquela época, "detestava a bossa nova, porque seus adeptos olhavam para a gente, que tocávamos hully-gully, como débeis mentais". A aparição dos Beatles e dos Rolling Stones, a moda do *blue jeans* (que vinha da era do *rock'n roll*) e os cabelos compridos deram impulso à Jovem Guarda, que tinha seu líder em Roberto Carlos e numa turma muito unida, além de ser apoiada por intensa campanha publicitária. Roberto Carlos chegou a industrializar um estilo, lançando no mercado produtos (roupas, automóveis) com a marca de sua onda. Mas o recesso do samba e da música brasileira que os entendidos chamam "autêntica" durou pouco. No festival organizado pela TV Record, em 66, Chico Buarque de Holanda e A Banda recolocaram essa música em pé de igualdade com o iê-iê. Depois disso, foi preciso criar um governo de conciliação.

Se fôr boa, toda música vale a pena

"O iê-iê não veio acabar com a festa nem tomar público do samba. Apenas substituiu as outras músicas importadas." Quem diz isso é Gilberto Gil, que está montando um conjunto que não vai tocar violão ("esse instrumento artesanal"), mas guitarra elétrica ("um elemento do presente, do mundo da eletrônica"). "O importante é comunicar alguma coisa à juventude. Nossa música tem de alcançar esse público e conservar-se nele como cultura, obtendo também um resultado industrial." Caetano Veloso concorda com Gilberto Gil. "Se eu digo que não há briga contra o iê-iê, pode parecer um alibi. Mas a verdade é que nada tenho contra aquela turma. Acho que fazer música dentro da tradição brasileira é válido, mas não acredito que seja lógico termos preconceito contra a mú-

FRENTE ÚNICA

O iê-iê piorou a briga entre a bossa nova e o samba, mas os três agora vão trabalhar juntos!



Gilberto Gil vai aderir à guitarra elétrica, "instrumento do futuro".



Vandrê a Zé Kéti: "A união só nos trará benefícios. Iremos longe."

sica internacional. O iê-iê não pegou apenas porque existia, bem montada, uma máquina de propaganda. O público é que exigiu o nascimento dessa máquina."

Para Caetano Veloso, o público jovem gosta do que é mais fácil. "De que adiantaria nós fazermos música de gosto fácil só para combatermos a influência estrangeira? O importante é compor música comunicativa que não deixe de ser cultura. Por exemplo: se tentássemos divulgar canções e ritmos folclóricos, como a ciranda do Recife, para agradar a juventude, que lucrariamos com isso? É preciso massificar a música brasileira, mas levando-a sempre para a frente. Quanto à influência estrangeira, lembro que Noel Rosa inspirou-se muito no jazz. O mundo ficou pequeno demais para uma cultura purificada. Só as raízes é que têm de ser conservadas."

Elis Regina, que durante algum tempo foi considerada "inimiga

número um do iê-iê", desfaz as intrigas e garante que "não sou contra nem a favor, muito pelo contrário". A seu ver, "o movimento de frente ampla não deve ser montado para destruir, mas para construir alguma coisa. Música de bom nível, sim. O resto não interessa. O público é como uma criança, sabe sentir o que é bom. Agora, para que o movimento ganhe altura, devemos modificar a política que une o compositor ao cantor. Entre nós, um cantor não grava o que outro já gravou, porque ele tem o seu repertório. Resultado: faltam músicas suficientes para o gosto do público."

A continuação de várias culturas

Um cantor que nunca teve preconceitos é Wilson Simonal, que topa tanto o samba de breque quanto o foxe e a canção de roda.

Há pouco, lançou uma canção-protesto em homenagem a Luther King, que bateu recordes de vendagem. "No momento", diz Simonal, "acho tolice manter a guerra iê-iê versus samba. Cantarei sempre músicas de boa qualidade, qualquer que seja o compositor." Ao lado de Simonal, Agostinho dos Santos acrescenta que tudo não passa de uma evolução natural. "A música brasileira é um prolongamento de várias culturas. Vem dos negros africanos, dos portugueses. Antes de mim, existiram Johnny Alf, Tom, Vinícius, e, antes da bossa nova, o próprio jazz. Aos poucos, todos os estilos de canto e música se reúnem no tempo."

No movimento da frente única, um dos mais entusiasmados é Geraldo Vandré, que fez *Disparada*. Ele prepara nova composição, que vai lançar no próximo festival, e está "vibrando com a união de todos". Embora continue a compor no seu gênero, já aderiu à idéia, como outro compositor que nada tem a ver com o iê-iê, Zé Kéti. "Eu gosto do samba porque sou, antes de tudo, um nacionalista", confessa o autor de *Máscara Negra*. "Quero ver se descanso um pouco desses cabeludos. Não me deixam dormir de noite. Como mandam brasa!"

A briga que é um papo furado

Foram Chico Buarque de Holanda e Sérgio Ricardo os primeiros a pensar em frente única. Na casa de Sérgio, reuniu-se um grupo de compositores para tramar a arrancada. Queriam, a princípio, realizar *shows* gratuitos para estudantes. Mas o diretor da TV Record, Paulo Machado de Carvalho, ouviu a história e bolou uma novidade. Em vez de muitos programas de música brasileira, sua estação só apresentaria um, com todo o elenco de estrelas. A partir de agosto, o programa irá ao ar com o título *Frente Única*. Naturalmente, sem faltar Roberto Carlos.

O rei do iê-iê já prepara uma nova canção para estreá-la no programa, e adianta que "ela tem muita coisa inspirada na linha melódica da Bach". Sobre o movimento que vai aliar o samba ao iê-iê, Roberto Carlos pensa que "o importante está em fazermos músicas cada vez melhores, como as de Chico Buarque". E mais: "Pouco me interessa se é música brasileira ou iê-iê. Vale a música que o povo gosta, e o povo gosta de bom samba, bom iê-iê. *Amélia*, para mim, é muito bonita. Por isso, eu a canto sempre no programa da Jovem Guarda. Porque não posso cantar música de igreja ou o que bem entender? A juventude que compra os meus discos também compra os de Nara Leão, Chico Buarque, Geraldo Vandré, até os dos Beatles e de Bob Dylan. Quer saber de uma coisa? Essa história de briga em família não passa de um papo bastante furado."